

XXIII Conferência Internacional de Lisboa

Sessão temática

Prioridades para a Acção Externa de Portugal

África e Cooperação

O Paradoxo da (in) comunicação em português

Nicole Guardiola . Jornalista, Expresso

“Estamos num momento em que precisamos de repensar as relações Portugal-África. Não tivemos ao longo dos 50 últimos anos, uma política para África. Isto deve-se ao facto de encontrarmos na política africana um dos mitos da política externa portuguesa (...) Afastamo-nos há muitas décadas da dinâmica própria do continente africano”.

“Não podemos deixar de estar atentos ao que se passa no continente como um todo. Independentemente do interesse particular com que olhamos para o que se passa nos PALOP temos que ver que estes países vivem dinâmicas de inserção regional que são muito ricas do ponto de vista das novas perspectivas e dos novos interesses que se confrontam nesses países”.

Luís Amado, Ministro português da Defesa, ex-secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, no seminário Portugal, Estados Unidos, África organizado pela FLAD e o IPRI (Novembro 2005).

“Nos últimos 30 anos do Estado Novo, Portugal aumentou significativamente a sua presença em África, mas quase voltou as costas à Europa. Nos 30 anos que decorreram após o 25 de Abril, Portugal apostou forte na Europa mas quase voltou costas aos PALOP; é chegado o momento de Portugal compreender que tem de se projectar simultaneamente nas duas direcções” .

Freitas do Amaral, Ministro português dos Negócios Estrangeiros, no Colóquio O papel da CPLP – Da descolonização à construção do Futuro – organizado pelo Círculo de Reflexão Lusófona – 23/11 /2005.

“A CPLP deve ser a “casa comum” da lusofonia, mas uma casa viva e de luzes acesas. Vivemos num mundo mediático, pelo que se impõe um cuidado especial na divulgação das actividades e iniciativas que passam despercebidas do grande público”. Freitas do Amaral, idem.

“Sonho com a criação de um canal de televisão internacional em língua portuguesa para que Moçambique, Angola, Timor, nos entrem em casa e nos habituemos a viver com eles, porque é assim que se constrói o sentimento de pertença a um espaço comum”. Luís da Fonseca, Secretário Executivo da CPLP, ao EXPRESSO – Julho 2005.

“Poucos sabem que as zonas marítimas exclusivas dos países da CPLP cobrem mais de 20 milhões de quilómetros quadrados dos mares de todo o mundo, razão pela qual a CPLP foi convidada a participar na Conferência sobre os Oceanos, em Lisboa”. Luís da Fonseca, idem.

África está na agenda internacional e o trigésimo aniversário das independências das ex-colónias Portuguesas em África foi uma oportunidade ímpar de proceder ao repensar das relações entre Portugal e o continente africano, apontadas pelo actual governo como o “terceiro pilar” da política externa lusa, em pé de igualdade com a integração europeia e as relações transatlânticas.

Oportunidade, na minha opinião, em larga medida perdida, tendo em conta as poucas iniciativas que tiveram lugar em Portugal e a sua ainda mais escassa “projecção mediática” junto do grande público.

Pelo contrário, este ano de 2005 deu lugar, na comunicação social portuguesa, a uma reafirmação dos grandes “mitos” acerca das relações Portugal-África, sem que tivesse havido uma reflexão crítica sobre o papel da comunicação social na perpetuação dos mesmos.

Sem pretender proceder a uma análise científica, nem exaustiva, dos textos, artigos e reportagens publicados a propósito das independências dos PALOP, há uma série de clichés cuja permanência é evidente:

1 – a descolonização continua a ser pensada em Portugal como uma “perda”, um acontecimento “triste” para os portugueses, e que a maioria dos ex-colonizados tem mais razões para lamentar que para festejar.

a) Enquanto em relação à ditadura nacional o branqueamento do Antigo Regime se processa com cautelas, no que se refere à colonização, à guerra colonial e à descolonização, o “negacionismo” é o pensamento dominante, interiorizado pelas gerações posteriores ao 25 de Abril.

b) A separação foi traumática e não endógena, imposta pelo contexto internacional (conflito Leste-Oeste) e por minorias (os movimentos de libertação; o MFA).

c) Os africanos têm “saudade” do “bom velho tempo” colonial, são unânimes em reconhecer que viviam bem melhor sob a administração portuguesa, e tivessem sido consultados teriam optado por um status quo ou uma autonomia relativa.

2- Uma visão estereotipada dos PALOP, 30 anos depois:

Angola: “um país de enorme potencial que começa agora a sua reconstrução pela mão dos chineses. Os angolanos só votaram uma vez (em 1992) e há 25 anos que José Eduardo dos Santos é Presidente”

Cabo Verde: é “o único dos 5 que vingou sem conflitos violentos testando a democracia”

Moçambique: “é um caso de sucesso a nível internacional; dos poucos países africanos que sabem gerir ajudas e atrair investimentos. As eleições têm sucedido com regularidade e normalidade desde 1994”

Guiné-Bissau: é “o mais instável e fragilizado dos cinco; conseguiu afastar os seus quadros devido a desagregação da sociedade”

São Tomé e Príncipe: “vive da ajuda estrangeira enquanto aguarda as receitas do petróleo” (Expresso, 10 de Junho 2005)

a) Os cinco são avaliados em função das suas relações (verdadeiras ou imaginadas) com Portugal.

b) Cabo Verde e Moçambique são claramente distinguidos como “os melhores”. Há, porém, duas reservas subjacentes:

- Os cabo-verdianos são “quase europeus” em África, ou seja “muito bons” vistos de longe; de perto (como imigrantes em Portugal) perdem muito do seu “charme”.

- Os moçambicanos são obedientes, disciplinados, qualidades inatas do “povo”, que se sobrepõem aos erros e defeitos da elite dominante, e nomeadamente aos da FRELIMO.

c) Tudo o que de “mau” aconteceu nos PALOP nos últimos 30 anos é culpa dos Governos que tomaram o poder em 1974. Neste caso, e ao contrário do que aconteceu com a descolonização, o contexto internacional e as ingerências estrangeiras não são uma circunstância atenuante: os dirigentes é que fizeram as escolhas erradas (ideológicas e geo-estratégicas).

d) – Angola é um caso à parte. A antiga “jóia da coroa”, hoje reduzida a um “punhado de ricos num oceano de miséria”, segundo a opinião dominante, não produziu nada de bom desde a sua independência e o muito que deixaram os portugueses está a cair de podre. Mas é sobretudo o país africano lusófono onde, por influência do passado colonial e do elevado número de portugueses que viveram em Angola por períodos mais ou menos dilatados, tem sido mais difícil fazer uma abordagem realista e desapaixonada das realidades.

Porque até ao fim da guerra (há três anos) esta foi também um tema de política interna – porque o conflito armado foi, enquanto durou, matéria para muitas notícias, reportagens, etc., em detrimento de tudo e qualquer outro tema, a “reconversão foi particularmente difícil e Angola quase desapareceu da agenda mediática. (“sobraram” dois temas com muito sex-appeal : Cabinda e a corrupção – mesmo assim recheados de generalidades e repetições).

Desde que a guerra acabou, perdeu interesse. Há um maior fluxo de notícias económicas, mais na óptica dos negócios, e criou-se um novo “papão”: a China.

Uma certa oposição angolana procura utilizar a imprensa portuguesa como “caixa de ressonância” para se fazer ouvir internacionalmente; é geralmente acolhida de braços abertos e de forma acrítica.

3 – Contrariando o interesse afirmado e reafirmado de Portugal por África, a comunicação social portuguesa não investiu a sério no conhecimento do continente.

a) Os jornalistas “africanistas” – cada vez menos numerosos – têm poucas oportunidades de viajar regularmente a África e não conhecem os países limítrofes dos PALOP. As suas viagens são frequentemente “à boleia” (visitas oficiais, convites de ONG ou empresas)

b) Com exceção dos “meios estatais” os media portugueses não têm uma rede própria de correspondentes.

c) são muito dependentes da informação veiculada pelos grandes meios de comunicação (nomeadamente ingleses ou em língua inglesa).

d) não fizeram um esforço consciente para combater uma visão racista do continente africano, herdada do antigo regime e “actualizada” pela corrente “afro-pessimista”, nem para corrigir alguns mitos: sobre os 500 anos de presença portuguesa em África; escravatura, evangelização; guerras de conquista, de resistência, de libertação são ainda temas “sensíveis” que mais vale contornar porque “a opinião pública portuguesa não está preparada para aceitar o que outros países colonizadores já fizeram (reconhecer crimes e massacres). Não está a ser feito o “trabalho de memória” (salvo honrosas exceções) e quando é feito, fica circunscrito entre “especialistas”.

e) a comunicação social pouco ou nada tem feito, ao longo dos 30 últimos anos, para alterar a visão de África que os portugueses tinham há três décadas. Há muitos portugueses que dizem “conhecer muito bem África” mas que, em relação aos PALOP, não seriam capazes de citar os nomes de uma dúzia de personalidades angolanas, cabo-verdianas ou moçambicanas da actualidade.

Mas, se a passagem dos anos fez com que a imagem que o grande público português tem dos jovens países africanos seja cada vez mais desactualizada e desfocada, o tempo tem sido ainda mais “padrasto” em relação à imagem que estes países têm de Portugal. O que é natural tendo em conta a demografia destes países, onde cerca de metade da população tem menos de 15 anos.

A comunicação social portuguesa tem sido (e ainda é) muito importante para as “elites”, nomeadamente de Angola, país onde a penetração do inglês têm sido tardia, mas a situação está a alterar-se rapidamente. A “portugalofilia” está a desaparecer com as gerações formadas na época colonial e com os progressos da integração regional.

Pelo contrário, cresce o desagrado, para não dizer a irritação, em relação a forma como os PALOP (e os seus habitantes) estão retratados E tratados em Portugal. Fenómeno que tem sido geralmente ignorado ou minimizado pela retórica dos “affectos”.

Já dizia Esopo que “a língua é a melhor e a pior coisa do mundo”. A máxima se aplica aos povos como aos indivíduos. A língua comum tanto pode servir para os aproximar como para os afastar irremediavelmente.

É o paradoxo da comunicação.